

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
NÚCLEO DE EDUCAÇÃO, AVALIAÇÃO E PRODUÇÃO PEDAGÓGICA EM SAÚDE
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO EM SAÚDE MENTAL COLETIVA**

ROSAURA DENISE CARBONE RIBAS

BIBLIOTECA COMUNITÁRIA: uma possibilidade de dispositivo para atos terapêuticos

**PORTO ALEGRE
2010**

ROSAURA DENISE CARBONE RIBAS

BIBLIOTECA COMUNITÁRIA: uma possibilidade de dispositivo para atos terapêuticos

**Trabalho de Conclusão do Curso de Especialização em
Educação em Saúde Mental Coletiva do Programa de
Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação
da Universidade Federal do Rio Grande do Sul**

Orientadora: Maria Cristina Carvalho da Silva

**PORTO ALEGRE
2010**

R482b Ribas, Rosaura Denise Carbone

Biblioteca comunitária: uma possibilidade de dispositivo para atos terapêuticos / Rosaura Denise Carbone Ribas. - Porto Alegre: UFRGS/FACED/EDUCASAÚDE, 2010.

Monografia (Especialização) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação, 2010, Porto Alegre, BR-RS. 36f.; il.

Orientadora: Maria Cristina Carvalho da Silva

1. Biblioteca Comunitária 2. Reforma antimanicomial
3. Desinstitucionalização 4. Saúde Mental 5. Educação:
Informação I. Silva, Maria Cristina Carvalho da, Orient. II. Título

CDU 027.022: 613.86

Catálogo na fonte preparada pela Biblioteca da
Faculdade de Veterinária da UFRGS

AGRADECIMENTOS

Quando iniciamos uma caminhada, por mais ensimesmados que possamos ser, jamais estamos sozinhos. Nesta minha estrada não seria diferente, como não tem sido toda minha vida, então nada mais justo do que agradecer aqueles que estiveram ali nos auxiliando, nos motivando e por muitas vezes nos “agüentando” quando nos muitos momentos de oscilação de humor.

Primeiramente, a Deus pela vida, e nesta direção de importância a minha pequena família nuclear: Thyene, Pedro, Arthur, Marcus e Rafael pela paciência na minha ausência. Filhos amados que são o estímulo para todos os meus pensamentos e atos de vida.

À minha mãe por me questionar e não entender porque tanto estudo, numa implicância sem fim com a minha vontade de aprender.

Ao meu pai, que já está em outro plano, por acreditar que estudo é tudo na vida, que abre caminhos e sendo algo que depois de adquirido, ninguém lhe tira, meu grande incentivador.

Ao Fernando pelo carinho e companheirismo.

Agradeço, de forma mais do que especial, aos colegas Wildson Vieira e Gabriel Alves que me levaram para Novo Hamburgo, da mesma maneira que estendo a toda a equipe do CAPS Santo Afonso.

A Psicóloga Denise Pedroso, hoje amiga de desejo de uma Biblioteca Comunitária potente.

Aos usuários e comunidade Vila Palmeira porque também acreditam neste fazer coletivo.

Aos colegas do Curso: Larissa, Fúlvia, Jaqueline, Katiúscia, Camila, Leandro e Rogério pois com sua amizade o tornaram mais leve.

Aos meus colegas da Biblioteca da Faculdade de Veterinária da UFRSG porque trabalhamos em equipe e sem eles não me sustentaria nesta especialização: Ana Vera Finardi Rodrigues, Eduardo Arraché, Paulo Soares, Ronaldo Fernandes e nossos queridos bolsistas, tanto os que já passaram por aqui, bem como os que estão atualmente conosco, por nossas conversas sobre a vida, motivo de muita catarse e retomadas de bom humor.

Ao Professor Paulo Manoel Paulo Menna Barreto Duarte pessoa por quem tenho muita estima.

À Pró-Reitoria de Gestão de Pessoas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul que acenou com a Bolsa para realização desta especialização.

“O escritor pode ser louco, mas não enlouquece o leitor, ao contrário pode desviar o leitor de sua loucura.
O escritor pode ser corrompido, mas não corrompe o leitor.
O escritor pode ser solitário e ainda assim, ele vai acompanhar o leitor, vai fazer companhia ao leitor em sua solidão” (Lygia Fagundes Telles).

RESUMO

O objetivo deste trabalho foi narrar a inserção de uma Biblioteca Comunitária como uma possível ferramenta aliada a atos terapêuticos junto a usuários do Centro de Atendimento Psicossocial – CAPS – do Bairro Santos Afonso, Vila Palmeira e da sua comunidade, em Novo Hamburgo, norteados por conceitos do movimento antimanicomial, surgidos com a proposta da Reforma Psiquiátrica a partir da Lei nº 10.216 de 6 de abril de 2001, e por outro lado entrelaçando esse ideário da saúde junto ao coletivo dos servidores da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, no que tange a saúde do trabalhador no seu fazer diário e coletivo, ressaltando a importância da biblioteca como uma ferramenta potencializadora e disseminadora de informações e conhecimentos pertinentes à saúde mental oriundas destas demandas, oportunizando dirimir dúvidas a esse respeito, indicando caminhos, bibliografias, setores para uma prevenção junto ao coletivo da UFRGS, referindo aqui ao Campo Informacional, objeto de trabalho da biblioteconomia.

Palavras-chave: Biblioteca comunitária; Saúde mental coletiva; Educação; Informação

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1 - Início do trabalho
- Figura 2 - Muito material disponível
- Figura 3 - Usuário trabalhando com marcenaria, confeccionando estantes
- Figura 4 - Prova de realização pessoal. Sorriso!!!!
- Figura 5 - Idealizadora do trabalho, a líder comunitária e a Representante da Pastoral
- Figura 6 - Novos Aliados trabalhando conosco

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	8
2	BIBLIOTECA COMUNITÁRIA: UM DISPOSITIVO À SERVIÇO DA CLÍNICA AMPLIADA	12
3	A DESCOBERTA DA POTENCIA DO BAIRO SANTO AFONSO – EMERGINDO A IDÉIA DA BIBLIOTECA COMUNITÁRIA	18
4	A CRIAÇÃO DA BIBLIOTECA COMUNITÁRIA; VENCENDO DESAFIOS	20
5	PEQUENOS FRAGMENTOS DESTA ANDANÇA	30
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
	REFERÊNCIAS	35

1 INTRODUÇÃO

“Um nome para o que sou importa muito pouco.
Importa o que eu quero ser.”

Clarice Lispector

A partir desta epígrafe, quero afirmar que o nome da profissão “Bibliotecária” importa muito pouco para o que quero ser após esta experiência como aluna da Especialização em Educação em Saúde Mental Coletiva. Acredito que, percorridos estes meses de curso, na caminhada em busca de aprendizado, encontrei motivos para fazer a diferença por onde, de agora em diante, transitar. Tenho plena convicção desta fala, pois o curso me propiciou esta consciência; meu olhar abriu-se como um leque para a vida e o seu entorno, de uma outra maneira: comecei a considerar de uma forma diferente as individualidades, observando melhor as pessoas que fazem parte do meu dia a dia, e, principalmente, tendo um olhar mais atento à subjetividade daqueles que não fazem parte do meu cotidiano, digo, daqueles que dividem os espaços da cidade comigo, com minha família, meus amigos, os espaços em que me movimento, o de dentro e de fora daquilo que considerava meu mundo, dos territórios, dos acontecimentos, onde o acaso se faz presente.

Poder olhar para as pessoas que circulam pelo meu extramuros, para os indivíduos que vão para além de minhas histórias de vida, e ver vida pulsando, desejante, nessas pessoas, me motivaram a trilhar outros caminhos.

Desta forma, as palavras, os conceitos, e tudo o que eu vivenciei nas aulas, durante este período da especialização, foram muito significativos e realmente importantes para toda a formação. Em determinados momentos foram muito intensos, em outros nem tanto, mas tudo fez sentido em meu interior, me afetando profundamente, quer seja nas palavras proferidas pelos professores da coordenação, pelos demais professores do curso, quer seja pelos convidados palestrantes. Sempre saí gratificada de cada encontro, pois conseguia trazer para o cotidiano as falas, os exemplos dos casos atendidos pelos profissionais palestrantes e as experiências relatadas pelos colegas: tudo era moldado em cenas em minha mente, e eu conseguia fazer uma leitura da narrativa entrelaçando conceitos, conteúdos e práticas, que embora não fossem minhas, eram

muito bem absorvidas, devido à intensidade dos relatos e de meu envolvimento com o meu propósito no curso: buscar informação, conhecimento, aprendizado. Creio que neste intuito de aprender fui beneficiada pelo fato de estar longe da área da saúde. Atuando em um contexto de educação, absorvia as informações com um outro olhar, pois era necessária uma doação muito grande para entender tudo o que era dito e isto se tornar compreensível em outro contexto.

Entretanto, a meu ver, algumas considerações a respeito de meu trabalho como servidora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul se fazem necessárias para relacionarmos a educação e a saúde, temas do curso em questão.

Como servidora, estou desenvolvendo minhas atividades desde 1983, portanto, há vinte e sete anos estou inserida na comunidade acadêmica, tempo este que me levou a fazer reflexões sobre esta comunidade, minha unidade de trabalho, meus colegas, e em se tratando das pessoas, especificamente, sobre o seu modo de agir no trabalho com o passar dos anos.

Estar num mesmo local por um período longo de tempo, permite que se tenha uma certa “intimidade” com os colegas, é um convívio que me deixa ter um olhar mais observador, facilitando desta forma perceber quando uma mudança de comportamento está acontecendo. Também é possível delinear um perfil dos usuários quando estamos tratando do contexto biblioteca, local de minha atuação profissional. São cinco anos para a formação dos alunos no Curso de Medicina Veterinária, e muitos passam horas aqui conosco, principalmente nossos bolsistas; outros, nem tanto.

Foi pensando, basicamente, neste contexto que resolvi optar por uma especialização não implicada diretamente com a biblioteconomia, mas sim com a informação a respeito da saúde mental dos indivíduos. Meu foco, minha área de interesse não era somente o livro, o acervo, assuntos relacionados à parte técnica, mas sim, a parte humana, os afetos, as pessoas, num todo, que necessitam de informação e que transitam em nosso ambiente. Esta foi a questão: estudar, compreender para melhor informar.

Foi neste sentido, o de usar a informação adquirida nestes dois anos e poder auxiliar nossos usuários e colegas junto à comunidade acadêmica, que permaneci no curso e agora passo a relatar minha experiência como aluna com um olhar de fora do ambiente da saúde, uma vez que tenho a visão de que é possível compartilhar conhecimentos, dividir saberes, aprender sempre. Não querer ocupar “lugares” que não me dizem respeito, mas ter respeito pelos vários lugares onde podemos transitar e deixar nossas marcas, sem ferir o entendimento dos

indivíduos detentores de tal saber . Com este intuito, o de oferecer informação, orientação e algum tipo de esclarecimento, foi que me aventurei a realizar o curso; com certeza, fiz a escolha certa.

Algumas cenas na universidade me levaram a ter certeza de que poderia escrever algo de que não iria me arrepender e mostrar ações para tentar usar a informação adquirida recheada de potência visando a que não entrássemos num terreno de adoecimento, pois o que percebo são almas que estão adoecendo, que estão desacreditando, que estão cansando daquelas atividades que faziam com tanto afínco, com zelo. Quer seja pela correria do tempo, pela ausência de estímulos no serviço público, pelo próprio cansaço do passar dos tempos, o fato de lidarmos com a juventude que abandona o corpo a cada ano que passa, estas questões colocam a mim e a meus colegas num lugar muito próximo a inquietações, a depressões, ao descrédito para com a vida profissional, ao sofrimento propriamente dito. Com relação a alguns alunos observo-os desestimulados com o curso, ou questionando sua própria opção profissional. Tudo isto encontramos em nosso dia a dia dentro da Universidade. Então porque não tentar entender um pouco que seja este mundo que estamos inseridos, esta sociedade que muitas vezes é cruel, mas é a que temos e a que temos que aprender a conviver.

Hoje consigo informar colegas de trabalho sobre como tentar amenizar suas preocupações, posso indicar onde devem procurar ajuda, como de fato já ocorreu quando da ocasião de uma pessoa entrar em surto e ter sido atendida e estar em tratamento de psicoterapia de grupo em um CAPS da cidade de Viamão, fruto de meu conhecimento e intervenção quando a pessoa se mostrou com um quadro confuso e chegou até nós, por ser amiga de uma colega de trabalho. Poder informar é algo muito produtivo e, segundo Carvalho e Eduardo [1999?], “a informação é suporte básico para a organização dos sistemas de atenção à saúde”. Poder fazer parte deste suporte foi importante, pois valida o trabalho empreendido nestes meses da realização da especialização. Estas questões nortearam minhas escritas que se sustentaram em reflexões do convívio com professores, palestrantes e colegas engajados nos trabalhos com a educação e uma vivência prática na área da saúde e tiveram um cunho didático, acadêmico e confiável. Foram fragmentos de vários momentos de sala de aula, de palestras, de conversas com os colegas, de troca de experiência.

Como ponto fundamental para a realização deste percurso de aprendizagem, e objeto deste manuscrito, a intenção de fazer uma inserção de vários conhecimentos em prol de

um bem maior, isto quando da possibilidade de construção de um projeto de biblioteca comunitária com a Cooperativa do Bairro Santo Afonso, em Novo Hamburgo – COOBASA – juntamente com o pessoal da área saúde do Centro de Atendimento Psicossocial de Santo Afonso, sendo alguns deles colegas da especialização. Esta construção foi acenada e levada adiante durante a realização curso, pois ela representava um nó na linha do pensamento, onde Schaedler (2003), também vai questionar que: como formas diferentes de organização de espaços terapêuticos e/ou educativos implicam em diferentes efeitos de subjetivação (entendidos como produção de vida) (2003, p. 10) e isto nos colocou a pensar que esta aposta era viável, e disto falarei a seguir.

2 BIBLIOTECA COMUNITÁRIA: UM DISPOSITIVO A SERVIÇO DA CLÍNICA AMPLIADA

O que vem a ser esta idéia de Biblioteca Comunitária junto ao CAPS Santo Afonso?

Bibliotecas Comunitárias são unidades de informação com um acervo organizado de livros, publicações periódicas, material gráfico ou audiovisual e com pessoal para promover e orientar seus usuários no atendimento a suas demandas (UFMG, 2005).

Estas bibliotecas não dependem somente de infra-estrutura quando de sua criação, necessitam de um grupo organizado de cidadãos dispostos a trabalhar para um objetivo comum. É um local público destinado a atender à comunidade em geral, cujo acervo será composto por uma grande variedade de assuntos. Deve ser administrada por integrantes da própria comunidade prestando serviços de empréstimos domiciliares, pesquisas, atividades culturais e atividades escolares.

Para Ramos (2002 apud LAIPELT et al., 2005, p. 2), ser cidadão implica direitos e obrigações, tendo como um destes direitos assegurados o da informação. Acredita que bibliotecas, por constituírem-se como locais que possibilitam o acesso e uso da informação, podem auxiliar no pleno alcance desses direitos e também visando uma inclusão social daqueles que se encontram à margem na sociedade da informação.

Conforme Laipelt (2005, p. 14), pode-se dizer que uma das formas de exercício de cidadania é, sem dúvida, facilitar o acesso à informação e, conseqüentemente, a construção do conhecimento para comunidades carentes.

A partir do estudo de conceitos de bibliotecas comunitárias e verificando que servem para auxiliar as comunidades como promotoras de inclusão social, foi relevante levar adiante a construção da idéia e potencializar ações junto ao território do bairro Santo Afonso.

Entretanto, é necessário inseri-la no contexto dos atos terapêuticos, e para isto, reportamo-nos à Reforma Psiquiátrica no intuito de entendermos porque situamos a mesma como um dispositivo, como um *setting* para acompanhamentos terapêuticos.

Na Idade Média, os que eram considerados loucos dividiam espaços com leprosos, doentes da peste, indivíduos considerados fora dos padrões e que não respondiam por seus atos (SILVA, [2004], p. 84). No século XIX, já houve uma outra conotação para a loucura, pois

agora ela estava sendo vista como uma doença, os indivíduos que fugissem aos padrões da normalidade deveriam ser colocados à margem da sociedade e enclausurados em hospícios, pois não eram capazes de responder por seus atos, desta forma, cerceados em sua liberdade, mas, neste meio tempo, buscavam-se estratégias para uma volta à vida na sociedade.

Em um contexto contemporâneo, podemos dizer que esta visão deu lugar a outra, que, embasada em Leis como a 8.080 e a Lei 8.142/1990 – regulamentam serviços e participação da sociedade e as bases do funcionamento do SUS – e Lei 10.216, que dispõe sobre a proteção e os direitos das pessoas portadoras de transtornos mentais – oriundas de consensos provindos de discussões e debates das classes de trabalhadores da saúde. Essa visão permitiu um avanço no que diz respeito ao “olhar para a loucura” e, conseqüentemente, indivíduos portadores de sofrimentos psíquicos tiveram um novo conceito sobre sua enfermidade.

Segundo Esquirol, “a cura, na doença mental, implicava a volta das afeições normais dentro de seus justos limites; desejo de rever amigos, os filhos, as lágrimas de sensibilidade, a necessidade de abrir o coração, de estar em família, retornar a seus hábitos” (ESQUIROL [200_?], apud SILVA, [2004], p. 84).

A reforma antimanicomial preconizava, em seu bojo, a valorização do sujeito em detrimento de uma visão de medicalização, ressaltando a observância do indivíduo e sua história de vida, o território a que pertence ante a doença ou simplesmente um código de identificação de doenças – CID. Ter um atendimento humanizado, levando em consideração uma escuta mais aguçada sobre a sua doença, são fatores que fazem parte dos princípios do Sistema Único de Saúde; no que tange ao conceito de saúde, sendo que o mesmo nos aponta para as seguinte palavras chaves: Equidade e Integridade (BRASIL, 2001).

Considerando este histórico, podemos discorrer que, para uma boa atuação na área da saúde, junto à saúde mental, destacou-se o trabalho realizado por Acompanhantes Terapêuticos. Coube a estes profissionais uma escuta sensível e um olhar ampliado, que levasse os pacientes a descobrir novas possibilidades de potencializar o que de bom ainda dispunham para viver, trabalhando suas emoções, de certa forma revivendo ou colocando-se diante de novas cenas como uma atitude terapêutica. Neste sentido, CABRAL (2010) foi muito feliz relatando alguns procedimentos realizados enquanto profissional de AT, trazendo de forma bastante elucidativa o quão potente este serviço pode se tornar para pacientes em tratamento; relatou que os espaços da cidade são locais que permitem atos terapêuticos. Foram andanças, caminhadas,

passeios pelos mais variados locais de Porto Alegre que fizeram despertar outro olhar em seus usuários, pois os convocaram à vida de uma forma simples, fora de receituários, internações, medicamentos. O foco era outro, motivar o sujeito, despertá-lo para outros interesses, convidar a falar, a sonhar. Enfim, um retorno para o dia a dia, para o cotidiano de seus atos, é claro que com uma configuração diferente.

Neste contexto de falas - sobre o que os atos terapêuticos, juntamente com seus ATs, são capazes de produzir - é que surgiu a idéia de entrelaçar a Biblioteca Comunitária. Por quê não? Utilizando conceitos adquiridos sobre as várias possibilidades que se abrem aos usuários quando ousamos a biblioteca comunitária surgiu como uma ferramenta impulsionadora deste projeto.

A união de duas esferas, dois conceitos distintos: Saúde e Educação poderiam resultar em algo também terapêutico. Referimo-nos a construir uma rede social trabalhando para alavancar subjetividades num coletivo que já pertencia a um serviço substitutivo, ou seja, o CAPS Santo Afonso.

Conforme Teixeira nos diz, “a vida não é o que se passa apenas em cada um dos sujeitos, mas principalmente o que se passa entre os sujeitos, nas redes que constroem e que os constroem como potência de afetar e ser afetado” (TEIXEIRA, 2003).

Como estamos envolvidos em uma clínica implicada na desinstitucionalização, com ênfase em modos substitutivos de atenção, falamos em multidisciplinaridade e usamos, como que um viés da interdisciplinaridade, a possibilidade da inserção de uma biblioteca comunitária como coadjuvante neste processo, ainda novo no âmbito da saúde.

Para a história, 20 anos de reforma antimanicomial ainda é um caminho novo sendo percorrido, mas acreditamos que sua discussão, suas idéias ainda estejam muito restritas aos membros participantes de fóruns sobre a saúde e o próprio corpo de trabalho da saúde, sendo suas discussões questionadas basicamente entre seus pares, sem muito envolvimento de outras áreas, necessitando, desta forma, ampliar-se; e este projeto visava abrir esse leque, que pensamos ser potente.

Observamos então que esta Cooperativa está inserida em uma cidade que, por sua vez, está inserida num contexto de saúde mental coletiva, que potencializa redes.

O que acreditamos ter acontecido neste espaço da Cooperativa é o que relacionamos sobre a educação da cidade quando nossos olhos cruzam com os escritos de Carvalho e Ceccim (2008) onde:

A aposta em uma pedagogia da cidade agrega tramas intersetoriais, é a aposta na construção de aprendizagens por redes de encontro, estabelecimento de laços sociais, emergência de territórios por comunidades de afetos com a vida, é aposta em uma pedagogia da zona, uma educação do lugar. Aceita-se a cidade com suas cidades, aceita-se as zonas que constroem as cidades, que delas precisam para serem cidades no contemporâneo. Uma educação do lugar, então, não é algo que se impõem, é algo que emerge, emerge das forças de resistir e criar.

Esta relação nos levou a observar que estas tramas, redes de encontro estavam emergindo em Santo Afonso. A concepção, no contemporâneo, de uma clínica ampliada, no campo da Atenção Psicossocial e suas diversas modalidades nos permite a ousada afirmação: a Biblioteca Comunitária pode ser um dispositivo da Atenção Psicossocial no encontro com a educação. Um lugar potente para a educação, cidades não cidades que se sensibilizam na forma de organização de um coletivo que passa por sua comunidade, os moradores deste entorno que nutrem um sentimento de inclusão, de pertencimento, de um fazer coletivo e pelo coletivo. Ao desenvolvermos um trabalho na área da educação e da saúde, e nos depararmos com este “campo fértil”, como foi o da Cooperativa, só nos restava acreditar fielmente em nossos propósitos e fortificarmos nossas convicções de que era possível trabalhar para que as singularidades desses sujeitos envolvidos com o sofrimento psíquico estivessem livres para criarem, estivessem livres para expressarem-se, pois estariam diante local facilitador para expandirem sua criatividade, algumas vezes castradas por medicações, opressões, engessamento de pensamento, atos de exclusões.

A tarefa a que nos dispomos foi concretizada, pois quando contamos com uma certa “teimosia” em querer mostrar que algo potente pode originar-se de lugares simples e de uma idéia que ainda não foi pensada e ver isto se construindo passo a passo, ratifica o pensamento que deu origem a esta construção, ou seja, pensar que a saúde mental coletiva perpassa vários saberes, mas intensifica suas ações em prol do outro – enfermo ou não, possuidor de um sofrimento psíquico, na iminência de uma depressão, drogadição, de uma situação de abandono, de descaso ou de simples solidão – junto àqueles profissionais que tiveram um olhar, um tanto quanto sensível, para o outro que se encontra ali, ao seu lado, e que estavam a mercê destes conflitos que tanto causam dor para si e para sua família. Profissionais possuidores de uma pré-disposição para

o fazer, para o desacomodar-se, de ir ao encontro do outro e tentar pegá-lo pela mão, talvez até com certa ingenuidade.

Uma rede não se constrói sozinha, ou somente com palavras, a rede se constrói com ações, com vontade, dinamismo e um certo tom de coragem, pois nos deparamos com muitos entraves, quer sejam financeiros, burocráticos, políticos no campo da educação e saúde. E conseguimos ver a Biblioteca Comunitária como um ponto forte desta rede, desta trama. Um ponto de encontro, de acontecimentos, que se fazem necessários pra que o cotidiano seja evidenciado, uma vez que queremos implicá-la como suporte da clinica ampliada.

Essa rede, entendemos como algo que tenta um resgate de cidadania, através de uma autonomia no fazer, no colocar-se, no movimentar-se, no não ter medo. Enfim, no ato de querer dar vazão a sua subjetividade que é posta à prova diante de alteridades.

Uma fala da professora Cristina Carvalho, em sala de aula (2010), nos situando com relação ao que seria alteridade e com a qual tentamos trabalhar foi esta: “alteridade é o que fica da presença do outro em mim, quando de sua ausência”. Essa fala nos coloca em movimento, pois mexe com o imaginário; através desta construção de pensamento colocamo-nos como outro e objetivamos ações nas quais possamos trabalhar valores que antes não nos pertenciam, não eram de nosso universo. Diante destas ações surgem os acontecimentos. E o que seriam esses acontecimentos? Com as explanações que ouvimos durante esses meses de curso, com as palestras que devorávamos, compilamos essa configuração em nossa mente que não é só nossa, mas de múltiplos, definindo acontecimentos como sendo um encontro entre o que não se espera, mas acontece. Rompe o silêncio, chega de mansinho, sem anunciar, produzindo vida, produzindo sons. Existe a entrega daqueles que estão dispostos a descobrir e se deixar levar, fluindo a subjetividade de cada um. Um acontecimento tem um “que” de mágico, pois mexe com o imaginário tanto de quem se coloca como o detentor do saber como daquele que, simplesmente, está ali, na hora do encontro, com suas “neuras”, suas dúvidas, suas questões de vida, seus medos, suas dores e amores. Está ali e pronto, ele com ele mesmo, pronto para ser desvendado e são esses encontros que produzem efeitos maravilhosos se observados sob a ótica de uma reforma psiquiátrica, aquele que ajuda, que descortina, que tenta dar visão àquele que muitas vezes fechou os olhos. É tarefa difícil produzir saúde e educação num acontecimento, mas é algo que, quando concretizado, passa a ser motivo de se contar em verso e prosa.

E foi neste cenário dos acontecimentos, da educação, saúde, subjetividades, afetações que inserimos o contexto da biblioteca comunitária.

Conseguimos visualizá-la como um dispositivo para auxiliar a inserção de usuários de CAPS numa possibilidade terapêutica junto à reforma psiquiátrica. Vários fatores nos levaram para este enfoque, autores, especialistas em educação e saúde nos permitem embasar esta “teoria”, ainda não testada, digamos assim, pois como no processo da reforma ainda não temos modelos adequados pra avaliação, para balizar a operacionalidade da mesma, temos que lidar com formas de *estimar* subjetividades e nunca apenas medir objetivamente o resultado das medidas terapêuticas (BEZARRA JR., 2007), desta forma fomos levando adiante a idéia de que: sim! A biblioteca comunitária seria uma ponte de inserção social, de anteparo diante de situações de fuga da realidade, de desemprego, de questões do cotidiano escolar dos meninos da redondeza e para toda a comunidade deste local, onde teriam um espaço para possíveis “encontros”, possíveis “acontecimentos” com o outro e com próprio trabalho de sua construção, organização e envolvimento com este projeto. Momentos, em que, estando ali, conseguiriam se ver como atores, participantes ativos de um processo para o coletivo que integram e, sentindo-se assim, incluídos e valorizados, pois sabemos que a valorização e o reconhecimento de um ato, tem efeito direto com a estima do cidadão. A saúde mental passa pelo reconhecimento de ações e trabalho que o indivíduo exerce, quer seja onerado, quer seja de forma voluntária. Esse reconhecimento é fator desencadeante para uma saúde mental como afirmação de vida. E é isto que fomos buscar com este trabalho, melhorar as condições de vida destes usuários, mesmo que em uma porção pequena de suas vidas. Mas todo o sorriso de satisfação, qualquer movimento deste tipo que nos levavam a perceber esperança no mundo em que viviam, já nos apontavam uma assertiva diante desta construção.

Não foi fácil trilhar por esta estrada, mas uma vez percorrido este caminho fica muito mais difícil abandoná-lo.

Essa experiência será relatada na última sessão do trabalho como uma narrativa da prática desenvolvida pela aluna.

3 A DESCOBERTA DA POTÊNCIA DO BAIRRO SANTO AFONSO – EMERGINDO A IDÉIA DA BIBLIOTECA COMUNITÁRIA

Como chegamos na biblioteca comunitária? Tudo começou no segundo semestre de 2009, precisamente no mês de agosto, os então estagiários, hoje Psicólogos Denise Pedroso e Alessan Coelho juntamente com o Psicólogo do CAPS Wildson Vieira começaram um trabalho de mapeamento do bairro Santo Afonso, na cidade de Novo Hamburgo, com o objetivo de buscar um local no qual poderiam desenvolver ações de prevenção e promoção à saúde para a comunidade, atividades estas ligadas ao CAPS; dentre os locais pesquisados encontraram a Cooperativa do Bairro Santo Afonso (COOBASA).

A Cooperativa se constitui de um prédio construído para usufruto da comunidade. Entretanto, esta construção apresentava problemas em sua infraestrutura, uma vez que ainda estava inacabada e fechada devido a desentendimentos entre alguns membros da Cooperativa e outros da Associação dos Moradores do bairro.

Se fizemos uma relação entre este ambiente e um pouco da teoria repassada por Cristina na disciplina Gestão do Cuidado, para a construção de qualquer ação na comunidade, no que tange ao planejamento estratégico, nos aponta como que um triângulo entrelaçado: controle de variáveis, intencionalidade e modo de fazer para planejar um projeto junto à saúde. (comunicação oral)

No bairro Santo Afonso, verificamos que por mais que tentássemos colocar em prática estes princípios e também pensando nas três formas de como o poder opera na saúde – a saber: o nível político, o técnico e o administrativo – levando em consideração um planejamento viável no dia a dia da comunidade, o mesmo não seria possível de ser operacionalizado, estaríamos contanto somente com o nível técnico. Colocamos desta maneira porque para que a Biblioteca Comunitária pudesse ser sustentada e desenvolvida com maior agilidade, ela deveria fazer parte deste quadro estratégico dentro da saúde, como um viés de promoção, como atividade terapêutica para alguns usuários e como fator de inclusão social para membros da comunidade do entorno ao CAPS Santo Afonso.

Apesar de estarmos falando de um espaço extremamente potencial, onde muitas atividades poderiam ser desenvolvidas, tais como: local para oficinas de geração de renda, espaço para atividades corporais, local para atelier de pintura, sala para desenvolvimento de trabalhos

manuais, sala para realizações de rodas de conversa com mães, com usuários de álcool e drogas e com qualquer sujeito da comunidade que mostrasse interesse em fazer parte da mesma, sob a assistência dos psicólogos, objetivando desta forma prevenção e promoção à saúde, faltaria incentivo financeiro para sua realização. A realidade com que lidamos é bem diferente. O que temos é um espaço ainda inacabado, que precisa estar inserido numa política do município, ou uma micropolítica da comunidade que viabilize a retomada do término da construção para efetivar, principalmente, a reinstalação de água e luz no ambiente, o que facilitaria, sobremaneira, pensarmos em tantas atividades que de fato poderiam estar acontecendo neste local. Inclusive o objetivo principal de nossa escrita: um espaço bem interessante para uma brinquedoteca e a biblioteca comunitária para atender crianças e adolescentes pertencentes a este território.

Entretanto, mesmo com todas as dificuldades encontradas, e por incrível que pareça, este espaço tão adverso era um começo: estava resolvido o local para iniciar a atividade proposta no início do mapeamento, um local para estabelecer ações de prevenção e promoção à saúde através de um grupo formado pela estagiária e a comunidade.

O que ocorreu foi que, com a exploração deste local, a psicóloga Denise encontrou uma quantidade enorme de livros guardados na COOBASA, os quais haviam sido doados por várias escolas, sem nenhuma ordenação, apenas um amontoado de livros, sem utilização. Foi aí que surgiu a idéia de fazer algo, onde os colegas Wildson Vieira e Gabriel Alves me fizeram o convite para conhecer o local, ver o que poderia ser feito e se eu gostaria de ajudar nesta iniciativa de “fazer algo pela comunidade”. Tendo em vista minha formação, biblioteconomia, e o fato de sermos colegas na especialização, facilitou uma integração e percebemos um viés para acontecer uma interdisciplinaridade; conseqüentemente, vislumbrou-se a possibilidade do multiprofissional acontecendo na prática: a educação e a saúde de mãos dadas andando lado a lado; aquilo que tanto se falou no curso e que, alguns de nós, muitas vezes questionamos, querendo ver de uma forma mais concreta, mais palpável.

A partir deste convite, fui conhecer a realidade à que eles estavam se referindo, algo com que eu ainda não tinha me deparado, pois vinha de um trabalho em uma biblioteca universitária dentro de um contexto federal com uma ótima infraestrutura .

4 A CRIAÇÃO DA BIBLIOTECA COMUNITÁRIA; VENCENDO DESAFIOS

O Centro de Atendimento Psicossocial de Santo Afonso localiza-se na cidade de Novo Hamburgo, e a ação que pretendíamos desenvolver está ligada a este CAPS. Eu, Wildson Vieira e Gabriel Alves iríamos juntos para Novo Hamburgo. Eram 07h15min de uma quinta-feira e lá estávamos em frente à Rodoviária de Porto Alegre. Eles, prontos para me ensinarem o caminho que mais tarde eu deveria enfrentar sozinha. “Enfrentar?” Sim, este é o termo, pois eu não dirigia na BR 116 e, para dar continuidade ao que estava me propondo naquela quinta-feira, deveria vencer esta barreira: chegar a Novo Hamburgo de carro, pois como trabalho em Porto Alegre, tempo seria uma questão muito relevante, não poderia me deslocar de ônibus, não poderia perder tempo e não queria declinar do convite.

No caminho para Novo Hamburgo conversamos sobre o trabalho que eles estavam pensando em desenvolver com a comunidade. Chegando ao CAPS fui muito bem recebida, ou seja, acolhida pelos colegas do curso e pelos demais trabalhadores e estagiários, sendo que, aos poucos, os usuários foram chegando para seus atendimentos e este foi meu primeiro contato mais íntimo com eles. Os usuários, que tanto falamos em aula, agora fazendo parte de uma prática. Depois, seguimos para o “espaço”, é assim que o grupo se refere à Cooperativa.

Neste primeiro dia, seguiram para a COOBASA, o pessoal do CAPS envolvido com esta iniciativa. No local já estavam nos esperando algumas pessoas da comunidade e alguns usuários do Centro, os quais já sabiam da nossa visita e da intenção de darmos vida àquele ambiente, na forma de uma biblioteca comunitária. Wildson Vieira me relatou que, alguns dias antes, o pessoal havia feito um mutirão de limpeza para preparar o local, e que a comunidade era muito participativa.

Neste dia conheci o local, conheci algumas pessoas, com as quais contaríamos mais tarde, e verifiquei o imenso trabalho de organização que tínhamos pela frente; enfim, um desafio muito grande devido às condições precárias do local, mas fiquei muito bem impressionada com a disposição delas em tornar aquele ambiente viável para produzir ações. Fiquei surpresa com a quantidade de livros que foram doados, livros oriundos de várias escolas. Mas quando se entra em um local onde as pessoas demonstram muita disposição, muita vontade para que algo bom aconteça, apesar das adversidades ao redor me darem uma idéia contrária, surge uma força

também, para que o projeto se torne possível de acontecer e lutamos para que essa idéia se concretizasse. Todos empenhados para a efetivação da biblioteca comunitária.

No segundo momento em que estive lá, já foi um desafio enorme, fui sozinha; dirigindo pela BR 116, com medo daqueles caminhões que, literalmente, quase passam por cima da gente, numa velocidade muito acima da recomendada, mas tudo bem, fui para Novo Hamburgo, pois meu objetivo era maior do que meu medo. Fui participar de uma reunião da rede do CAPS com outros setores da saúde e da educação. A reunião foi justamente no espaço da COOBASA, onde o Wildson me apresentou e falou dos nossos planos. Foi um momento muito importante, pois estava vivenciando a prática de minha profissão com as demais profissões da rede, algo que ao entrar no curso parecia difícil até mesmo para a coordenação deste. Foi um dia relevante como aluna e como profissional; fiz contato com Nádia, Professora que trabalha com brinquedoteca no projeto NUTRIR, ligada a Prefeitura do Município, eles fazem um trabalho integrado envolvendo as escolas, a área de nutrição do município e a saúde; então, de fato ali, a rede estava acontecendo de forma dinâmica, e essa conversa os torna potentes. Neste ambiente, uma rede distribuída está em ação, pois conforme Franco (2005), quanto temos uma rede horizontal, onde as pessoas são os eixos mais importantes, onde elas se conectam entre si, em detrimento de instituições hierárquicas, pois estas originam ações de cima para baixa, rompendo com o fluxo a qualquer momento em qualquer nodo, não permite transversalizar as informações e isto não é o que estava acontecendo no CAPS Santo Afonso, eles almejam sim ações conjuntas.

No meu terceiro encontro com o pessoal, fizemos uma ação direcionada para a execução do projeto: dar corpo à nossa biblioteca, afinal eu já estava ambientada com a cidade, com o CAPS, com Bairro Santo Afonso e a Vila Palmeira, onde especificamente está situada a COOBASA. Contamos com o auxílio dos moradores e o pessoal do CAPS e, nesta ocasião, o colega Gabriel Alves estava desenvolvendo sua residência no CAPS, e juntos começamos as tarefas para organizar nosso futuro acervo: levamos caixas de papelão para armazenar os materiais; quem tinha caixas em casa também as levou, e percorremos os locais da redondeza solicitando mais algumas. Separamo-nos em dois grupos, enquanto uns limpavam os livros que estavam muito empoeirados, eu e Gabriel separávamos por grandes áreas do conhecimento e armazenávamos em caixas distintas. Foi o início de nossa construção, cansativa, mas necessária.



Fig. 1. Início do trabalho



Fig.2. Muito material disponível

Neste dia, percebi a presença de várias pessoas, já não sabia quem era da comunidade, quem era usuário do CAPS; mas, em especial, três pessoas sempre estavam presentes, inclusive nas demais manhãs estipuladas para continuidade da execução das atividades. Estavam sempre junto a nós, muito interessadas, muito prestativas, auxiliando em qualquer tarefa: davam suas opiniões e comentavam sobre a importância do que estávamos fazendo; e é sobre elas que farei alguns recortes, pois é através da figura destas pessoas que visualizo a terapia

acontecendo, ali, junto àquele amontoado de livros empoeirados, de autores conhecidos ou não, de ilustrações que lhes chamavam a atenção. Cabe aqui, a ressalva de que os nomes dos usuários foram trocados, visando reservar sua identidade, entretanto, as fotos que ilustram o trabalho, foram autorizadas pelos que ali figuram.

A primeira pessoa com quem conversei foi com Estevão, ouvi sua história de vida, sendo que ele é usuário do CAPS Santo Afonso desde maio de 2008; já era usuário do CAPS Centro. Ele liderava propostas oferecidas pelos técnicos e estagiários e encontrava-se sempre disponível para colaborar com a comunidade. Desde que está afastado de suas atividades laborais, tentou suicídio diversas vezes e, nas últimas tentativas, buscou apoio dos profissionais do CAPS mantendo-se vinculado e comprometido a frequentar as oficinas e grupos de modo a reorganizar-lhe os pensamentos afastando-se das ideias. Sua profissão era de mestre de obras e demonstra tais habilidades nos trabalhos executados na comunidade.

Estevão é amigo de Fernanda, a segunda pessoa que destaquei, ela é usuária do CAPS e moradora da comunidade. Tinha uma história de vida marcada por abusos, negligência, drogadição; mas também por dedicação, militância e liderança comunitária. Voltou aos estudos em 2009 e tem habilidade de diálogo com jovens e adultos, tendo como projeto de vida a dedicação para resgatar usuários de drogas através de sua experiência nesta condição. Participa de grupos e atendimento no CAPS desde 2008 nos quais é admirada por seu pensamento de busca por melhorias das condições do bairro.

Ouvi também a história de Carolina, a terceira pessoa que conversei e que não é usuária do CAPS; pertencia à comunidade como integrante da pastoral da criança e Igreja católica. Estava no projeto desde o começo quando foi entrevistada para que contasse a história daquele espaço da COOBASA. Colaborava com o trabalho organizando o local, sempre bem humorada, limpa, varre, dedica-se às plantinhas do lugar e é uma ponte de comunicação entre a vizinhança e os voluntários do espaço.

Ouvindo a história dessas três pessoas da comunidade, o que posso dizer é que acompanhando o empenho que eles apresentaram desde o início, quando plantamos a semente da possibilidade de fazer algo; quando o Wildson os chamou para o mutirão da limpeza e eles se prontificaram sem medir esforços ou tropeçar em seus sofrimentos, demonstrado uma vontade muito grande de cooperar, de colaborar é como se algo começasse a fazer mais sentido pra eles. Hoje em dia, nos auxiliam na limpeza e organização dos livros nas prateleiras nos ajudam nas

peregrinações pelas madeiras do bairro em busca de doação de materiais para confecção das estantes. Eles mostram um dinamismo incrível de atuar conosco, uns já são até conhecidos no bairro e ganham doações pelo motivo de sua popularidade. Eles estão juntos fazendo essa história, eles se sentem e são importantes neste nosso processo de construção, é um ato de cidadania que está correndo para eles. Por outro lado, é muito importante chegar à COOBASA e contar com estas pessoas, seu entusiasmo, com o ânimo que eles possuem de querer ver a biblioteca funcionando para a comunidade, isto nos fortalece.

Outro dia, conversando com Estevão, eu ainda comentava: “Que linda ficou a estante que o senhor fez!”; ao que ele me respondeu: “Ainda bem, né? Pois é o que eu sempre fiz e sei fazer!”, finalizando essa frase com um enorme sorriso. Ali, ele me mostrava um lado de sua história de vida, e que naquele momento estava me dizendo que continuava vivendo, tinha motivos a mais para isto, pois sabia fazer muito bem o seu trabalho e aquilo era vida, alguém precisava dele e de seu trabalho. Isto é o terapêutico em ato, é um fazer terapêutico junto ao cotidiano no contexto das cidades, fato que Palombini (2008) preconizava e que agora está exemplificado com uma prática dos usuários do CAPS Santo Afonso, junto a essa biblioteca, que aspiramos ver sólida num futuro não muito distante.

Sobre atos, Gislei Romanzini Lazzarotto (2009) também nos falava, e muitas foram as falas, mas uma delas guardei : “[...] e pensar algo, ofertar algo, criar possibilidades, e que rumo isto se dará é um rumo do acontecimento em ato” (informação oral).



Fig. 3. Usuário trabalhando com marcenaria, confeccionando estantes.



Fig. 4. Prova de realização pessoal: Sorriso!!!!

Outra usuária, a Fernanda – que descrevemos anteriormente, também é extremamente curiosa, muito ágil, habilidosa, inteligente – se prontificou a percorrer as madeiras do bairro em busca de material para confecção de nossas estantes. Ela conseguiu doações, que foram utilizadas pelo “seu Estevão”, já concretizando um desejo de todos e assim traçando uma rede na comunidade.

Quando estávamos limpando os livros e guardando-os em caixas, ela comentou que gostava muito deles, das escritas, mas que algumas obras por serem muito longas, com muitas páginas, faziam com que tivesse certa falta de concentração, algo necessário para chegar até ao final do livro, mas que mesmo assim pensava que precisava fazer isto, chegar ao final de um deles um dia destes e que ela iria conseguir isto com certeza, enquanto ela relatava isto pude perceber que isto a acalmava, estar ali desempenhando essa função, manuseando os livros era algo que lhe dava prazer.

Por outro lado temos Carolina, uma representante da comunidade, não medindo esforços para estar ali na COOBASA, ajudando com arrumação do ambiente bem como dando idéias, inclusive realizando brechós para arrecadação de verbas com a finalidade de que com o fruto deste trabalho reverter para a Biblioteca. Quando ela comunica algo a comunidade responde e esse elo é muito importante para qualquer outro trabalho que se queira desenvolver neste potente espaço junto a Vila Palmeira. Bem, não foram somente os usuários do CAPS que me motivaram, as mães desta comunidade também me fizeram não desistir desta idéia, nem mesmo quando estava cansada e me passava àquela idéia: “amanhã não irei para Novo Hamburgo”. Impossível, só mesmo quando algo muito sério acontecia para eu não estar por lá, às vezes um pouco atrasada por causa desta BR 116 congestionada em alguns momentos, mas sempre chegando para continuar nesse trabalho voluntário, tão gratificante. É um trabalho de formiguinha, mas aos poucos a gente consegue ver os resultados. Tudo está sendo fotografado, registrando o antes e o depois.



Figura. 5. Idealizadora do trabalho, a líder comunitária e a representante da Pastoral

Participei de uma visita a Horta Comunitária D'Angelis (29/04/10): lá, dentre outros setores, visitamos a biblioteca e foi nesta visita que uma das mães nos disse: “Nós também queremos muito ter a nossa lá na comunidade, vai ser muito bom para nossos filhos contar com uma destas por lá”. Então, são frases como esta, ditas aqui, outras ali, nos vários ambientes em que transitei, que fazem sentido, me estimulando a construir neste espaço um local de troca de informações, de busca de leituras das mais variadas possíveis quer seja em livros didáticos, livros de auto-ajuda, religiosos, de cursos profissionalizantes, de literatura estrangeira, de literatura brasileira, miscelâneas, pois são todos estes tipos de materiais que dispomos e que vão constituir o acervo para os moradores. É um dos objetivos possibilitar que as pessoas, desde as crianças até os adultos usufruam deste espaço, soltem a sua imaginação, divirtam-se, ou que simplesmente entrem em contato com os livros, com o mundo da literatura, deliciando-se com suas ilustrações, fazendo deste local um local de trocas, de encontros, de serem eles mesmo. Enfim, são frases estas e atitudes como as dos usuários que fazem deste trabalho algo muito especial, pois não posso deixar de lembrar a precariedade do ambiente, onde existe a falta de

água e energia elétrica, não se dispõe de água nem para beber, nem para lavar nossas mãos depois de uma manhã de trabalho, onde estas ficam extremamente sujas pela poeira do local, mas em contra-partida existe muito ânimo, muita vontade, empenho de um conjunto de pessoas com um interesse comum. Sinto uma força inspiradora para que esta biblioteca se concretize, e, às vezes, até chego a visualizar como ela estará daqui a alguns meses, e falo com certa propriedade sobre isto, pois a cada dia de trabalho torna-se mais visível e potente. Foi montada uma grande estante, trazida de Porto Alegre, graças a boa vontade de um colega de trabalho que se sensibilizou com essa ação, onde nos auxiliou desde o transporte até o trabalho com a marcenaria. Então, já se formata àquilo que antes era uma idéia. Sempre que possível novos aliados se unem nesta iniciativa, como no caso de Camila, a recém concursada Terapeuta Ocupacional do CAPS, que sempre que pode embarca nesta viagem, bem como outros usuários e pessoas da comunidade do bairro.



Fig. 6. Novos aliados trabalhando conosco

Nesta última quinta-feira (23/09), enquanto estava terminando de organizar alguns livros, uma menina da comunidade chegou dizendo ser encarregada de fechar o prédio naquela manhã, e enquanto aguardava que algumas tarefas fossem encerradas, começou a observar o que era feito e se dirigiu para uma pilha de livros que ainda não estavam organizados nas estantes, pegou um e começou a folhear: dizendo que era justamente um livro como aquele que precisava para um

trabalho na escola. Naquele momento, lhe foi explicado o trabalho que fazia e relatei que os livros seriam emprestados para a comunidade, fato este que acabou acontecendo naquele mesmo instante. Foi o primeiro empréstimo, informal, é claro, mas aconteceu. A primeira usuária da Biblioteca chama-se Gabriela. Ela se mostrou bem entusiasmada com o fato de poder contar com este material bem próximo à sua residência, à disposição da comunidade. É preciso ter condições de atender tais demandas de forma correta, mas percebe-se, na prática, que acertou-se o caminho.



Fig. 4. Nossa primeira usuária: Gabriela

...E assim tem sido as manhãs de trabalho, tarefa desenvolvida uma vez por semana, com garra e determinação, com muita razão e um tanto de emoção.

5 PEQUENOS FRAGMENTOS DESTA ANDANÇA

Muitos momentos me chamaram a atenção nesses meses de que me desloquei para Novo Hamburgo, mas dois deles irei descrever, pois demonstram, no meu ponto de vista, a reforma antimanicomial de forma pontual, potente e ao mesmo tempo extremamente simples: ... um dia, no CAPS Santo Afonso, quando estava sentada elaborando cartazes para realização de um brechó, cujo valor arrecadado teria por finalidade compra de material para a biblioteca (madeiras, pregos, tintas), sentou-se à minha frente uma senhora lá pelos seus 40 anos de idade, que me parecia tranqüila e de bem com a vida. Essa senhora ficou conversando conosco um tempo considerável. A conversa versava sobre uma terceira pessoa, que ela e a psicóloga Denise de fato conheciam. A Senhora em questão comentava sobre o quanto estava preocupada com a saúde desta pessoa, a qual passava por problemas sérios de saúde e de relacionamento com o marido, e a conversa fluiu sobre outros assuntos da comunidade; com um diálogo extremamente coerente, pertinente, ela em nenhum momento deixou transparecer que era usuária do CAPS, ainda mais pelo tratamento dado pela psicóloga que conversava normalmente, não deixando margem para que a doença se sobressaísse sobre o paciente, não estavam em evidência seus problemas psíquicos. Conversei com Denise e lhe disse da minha impressão sobre o CAPS, aliás, da minha boa impressão sobre o CAPS Santo Afonso, o quanto as pessoas que entram ali são tratadas de forma gentil, e de igual pra igual, claro, salvo os quadros mais graves. Fui pega de surpresa, pois jamais imaginei que aquela senhora que conversa conosco tinha problemas psíquicos. Então o que ficou para mim é essa experiência maravilhosa de estar fazendo um trabalho onde todos têm um objetivo comum que é fazer o melhor para o próximo, sem rotulações, deixando sua subjetividade falar, indivíduos desejantes e atuantes, protagonistas de suas histórias, histórias de vida.

O outro fato que me questionou e me coloca a pensar foi ouvir a Gilce falar (Gilce Ferreira é a pessoa encarregada pela limpeza e organização do CAPS, muitas vezes até na elaboração da alimentação) sobre o problema que alguns trabalhadores estão enfrentando com o término de seus contratos de trabalho junto ao Centro. Terão que deixar o CAPS, mas ela não estava preocupada somente com sua nova busca de colocação no mercado de trabalho, pois me disse: "[...] isso eu me arrango logo, o que mais me preocupa são nossos usuários, quem vai chegar será que vai ter o mesmo cuidado e atenção que temos com eles? Será que vão conversar

com eles e tentar entender a situação que eles estão vivendo?” Fiquei muito sensibilizada, pois era a fala de uma pessoa simples, mas que faz do seu trabalho algo muito maior do que poderia ser. Eu vejo um envolvimento, uma doação nestes trabalhadores de Santo Afonso que me cativaram e me fazem retornar, eles me fazem refletir e ver o quanto o usuário, o quanto a comunidade é potente e que o trabalho com eles e para eles não deve parar, pois é vital para essas pessoas, eles estão para além de seus diagnósticos, seja qual for a enfermidade a que estão atrelados.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegando ao término desta caminhada, fiquei pensando em como tramar o ensino, a saúde, a clínica, assuntos de vida, de coletivo, com a atividade funcional, que me propus no início dos escritos, nesse desfecho fica evidente que muito do que li, muito do que pesquisei tem uma ligação muito próxima entre a saúde, as atividades realizadas e os relacionamentos interpessoais em nossa Universidade, apesar de não ser este o eixo central da escrita, não posso deixar de fazer algumas considerações, pois foram os impulsos iniciais para a realização do mesmo.

Recentemente, em uma palestra sobre saúde do trabalhador, promovida para os servidores da UFRGS, fiquei muito feliz por ter ouvido as considerações do Professor e Médico Álvaro Roberto Crespo Merlo, Professor do Programa de Pós-graduação em Psicologia Social e Institucional da UFRGS e Médico do Trabalho do Hospital de Clínicas da UFRGS. Este professor conseguiu resumir aquilo que tanto me angustiava falando sobre a saúde do servidor e o grau de comprometimento desta, frente ao ambiente onde desempenha suas funções. Então, comecei minha narrativa falando de saúde e trabalho, relatando a minha inquietação, após anos de trabalho na Universidade. Realmente, nossos profissionais estão adoecendo e com dados estatísticos, oriundos do Departamento de Atenção à Saúde do Servidor (DAS), temos duas grandes causas de afastamento das atividades na universidade, a saber: doenças ligadas à saúde mental e doenças osteomusculares – lesões por esforços repetitivos (L.E.R.) ou distúrbios osteomusculares relacionados ao trabalho (D.O.R.T.).

Assim, podemos afirmar que os afastamentos, que as solicitações de perícias médicas estão ligadas às práticas no ambiente de trabalho, às práticas de relacionamentos interpessoais (chefias, colegas, e alunos) e também com seu modo de vida. Somente agora, em 2009, foi criada uma ferramenta para discutir a saúde do servidor federal, um Subsistema Integrado de Atenção à Saúde do Servidor (SIASS) – regulamentado pelo Decreto 6.833 de 24.09.2009.

Estes fatos sobre a saúde dos servidores me asseguravam e reforçavam a intenção de informar ações e direcioná-los para fontes de conhecimentos sobre esta área sensível que estava relacionada ao sofrimento psíquico dos indivíduos onde pretendíamos utilizar a potência da biblioteca universitária pra este tipo de ação, um campo informacional extremamente

estruturado; e sempre que possível estar divulgando informações oportunas e pertinentes aos colegas da comunidade acadêmica.

Entretanto, a caminhada na especialização propiciou um outro andar que me levou a uma bifurcação; e neste momento optei por outro caminho.

Outros rumos me conduziram para fora da universidade e das questões primeiras sobre a informação junto à vida acadêmica e suas peculiaridades. Outro norte se deu e quando me dei conta o acaso já havia me levado para Novo Hamburgo, CAPS Santo Afonso.

Fui observando, com o passar das aulas, que a falta de prática seria um entrave muito grande, então me dispus a conhecer os cenários a que todos referiam, os residenciais, os CAPS, enfim a rede de saúde mental. Entendi que se eu quisesse realmente fazer diferença e conquistar esse lugar, me autorizar, como bem disse a Rose Meyer (e ela nem sabe o quanto esta frase ecoou dentro de mim), precisava me colocar em movimento. Precisava me desacomodar. Sair de uma zona de conforto. Então começaram as andanças. Benditas andanças que me fizeram ir ao encontro das pessoas, conhecer outros lugares, modificando minha visão de vida e de mundo. Percebi que o fato de não ser da área da saúde fez a maior diferença durante o curso, pois tudo me interessava, cada “respiro” dos palestrantes, cada fala, cada indicação de bibliografia, cada narrativa de caso, me levavam pra bem longe de mim e de minha vida onde cuidar dos filhos, família, amigos e trabalho, eram o foco de tudo. Agora as coisas mudaram, meu horizonte se ampliou, os moradores de rua tomaram vida em minha vida, as pessoas que estão em situação de vulnerabilidade social, com certeza passam pelos meus pensamentos, a comunidade da Vila Palmeira ganhou espaço em minhas manhãs de quintas-feiras, algo se modificou, e a isto vou agradecer sempre pela persistência que tive para chegar até aqui. Não podemos ficar parados e querer que a coisas aconteçam em nossas vidas, não podemos reclamar da falta de prática e não nos dispusermos a correr atrás, a querer buscá-la onde ela estiver, somos parte do curso e temos que dar uma parte de nós também. Esse foi o melhor aprendizado, o de me desprender, o de me colocar em movimento e me abrir para o aprendizado da vida. Muito aprendi, muito tenho a agradecer, principalmente aos colegas Wildson Vieira e Gabriel Alves que tiveram a gentileza de me convidar para fazer um trabalho voluntário junto ao CAPS Santo Afonso na comunidade Vila Palmeira, tentando montar uma Biblioteca Comunitária para aquele pessoal tão carente. Convite feito, convite aceito. Uma experiência maravilhosa. Parte de meu processo de aprendizagem com certeza, e que não poderia deixar de relatar. Lá aprendi realmente o que é um trabalho em equipe,

um trabalho em rede, pessoas maravilhosas estão lá e certamente fazem muita diferença no trabalho junto aos seus usuários. Lá germinou, lá brotou a pouca, mas valiosa, prática sobre saúde mental coletiva. Houve uma doação, um amor a primeira vista. O que posso concluir desta fase em que, deixando de ser ouvinte para fazer parte de um contexto atuante, onde me sentia também protagonista desta construção, não sendo mérito somente meu e sim de um grupo que acreditava em vida, muita vida acima de um estigma, de uma rotulação, é que não sonhei realizar este curso, eu desejei fazê-lo. Desejar soa mais forte do que sonhar, pois quando desejamos nosso coração bate mais forte, nossa respiração fica mais ofegante, nosso sangue corre nas veias com mais intensidade e todas essas sensações juntas nos colocam em movimento, nos exigindo uma ação. E essa ação transforma, a ação constrói. Eu, com certeza, construí um novo modo de olhar a vida nestes dois anos e, enfim, que bom que eu não desisti.

Que nossa biblioteca comunitária tome corpo e possa servir de suporte para muitos outros atos terapêuticos, quem sabe até pra nós mesmos trabalhadores voluntários. Sempre temos o que aprender sempre alguém nos ensina algo.

REFERÊNCIAS

- BEZARRA JR., Benilton. Desafios da reforma psiquiátrica no Brasil. **Physis**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, p. 243-250, 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/physis/v17n2/v17n2a02.pdf>>. Acesso em: 25 out. 2010.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Decreto Lei 6.833 de 24.09.2009. **Revista Jurídica**, Porto Alegre, 2009.
Disponível em: <<http://www.revistajuridica.com.br/content/legislacao.asp?id=86211>>.
Acesso em: 25 out. 2010
- BRASIL. Ministério da Saúde. **A Política do Ministério da Saúde para a atenção integral a usuários de álcool e outras drogas**. Brasília, 2003. cap. 3, p. 12-24. (Série B. Textos Básicos de Saúde).
- CABRAL, K. **O trabalho do acompanhante terapêutico**. Porto Alegre. Curso de Especialização em Saúde Mental Coletiva , UFRGS. Palestra. 2010.
- CARVALHO, A.O.; EDUARDO, M. B.de P. **Sistema de informação em saúde para municípios**. São Paulo: IDS, [1999?]. v.6. (Série Saúde e Cidadania)
Disponível em:
<http://www.saude.sc.gov.br/gestores/sala_de_leitura/saude_e_cidadania/ed_06/index.html>.
Acesso em: 20 ago. 2010.
- CARVALHO DA SILVA, Maria Cristina. História da loucura e reforma psiquiátrica: um percurso. In: NASCIMENTO, Célia a. Trevisi do et al. (Org.). **Psicologia e políticas públicas: experiências em saúde pública**. Porto Alegre: Conselho Regional de Psicologia do Rio Grande do Sul, [2004]. p. 84-96
- FRANCO, A. de. **O que são realmente as redes sociais e como articulá-las**. Disponível em: <http://www.fiepr.org.br/redeempresarial/uploadAddress/Texto_1_GFAL%5B48727%5D.pdf>.
Acesso em: 4 out. 2010.
- LAIPELT, R. do C. F. **Biblioteca Comunitária e Telecentro: unidos na busca da inclusão social**. Porto Alegre: [s.n.], 2005. 15 p.

PALOMBINI, A. L. Acompanhamento terapêutico: dispositivo clínico-político. **Psychê**, São Paulo, v. 10, n. 18, p. 115-127, set. 2006. Disponível em: <<http://pepsic.homolog.bvsalud.org/pdf/psyche/v10n18/v10n18a12.pdf>>. Acesso em: 25 out. 2010.

SCHAEDLER, LUCIA INES. **Pedagogia Cartográfica: a estética das redes no setor da saúde como política cognitiva e ética do ensino-aprendizagem em coletivos**. 2003. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Área Temática: Educação em Saúde, Porto Alegre, 2003. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/5619/000428713.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 27 out. 2010

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. **Folheto para criação de Bibliotecas Comunitárias autogeridas**. Minas Gerais: Faculdade de Letras, [2005]. Programa a Tela e o Texto. 28 p.